



Livros

*Simplemente,*  
**Urbano**

Quando o dia já se está a pôr, Urbano continua sentado à sua mesa de trabalho. Até lá foi um dia de conversa com o Ípsilon. Balanço de vida, é inevitável, com o início da publicação das Obras Completas. E coro de unanimidade - com algumas excepções - em fundo. *Miguel S. Borges (texto), Miguel Madeira (fotografias)*



percebeu o que o seu professor lhe queria dizer: “No mesmo dia o Urbano era chamado e às vezes preso pela PIDE [a ex-polícia política da ditadura de Salazar].” É taxativa: “Ele tinha um grande carisma. Não direi que fez uma escola. Tinha discípulos fervorosos, disso não tenho a menor dúvida.”

Uma delas era Maria Alves (hoje Cavaco Silva). Um dia, Urbano pediu-lhe um trabalho sobre Raul Brandão. Deu-lhe 19 valores. “Ela veio ter comigo ao bar da faculdade: estava tão emocionada que não conseguia dizer nada”, recorda.

“O que o distingue da maioria dos professores era a maneira como comunicava, o entusiasmo com que alargava novos horizontes que são as grandes qualidades de todos os professores de todos os tempos: é um ícone”, diz Alzira Seixo.

Urbano tinha-se licenciado em Letras com a tese “Manuel Teixeira Gomes - Introdução à sua Obra” (1950). O percurso literário do ex-Presidente da República (1923-1925) ficou, para sempre, inscrito nos trabalhos. A sua dissertação de doutoramento intitulava-se “Manuel Teixeira Gomes: o Discurso do Desejo” (1984).

“O que ele tentava sempre era descobrir o que de melhor encontrava em cada um de nós, a ‘sensibilidade’ com que cada um de nós comunicava com os textos”, constata outra ex-aluna, a pessoaana Teresa Rita Lopes: “Exercia um tal poder de sedução que as universitárias disputavam as primeiras carteiras para lhe beberem as palavras e, sobretudo, os olhares.”

“Nunca tive problemas com os meus alunos”, diz calmamente Urbano. Logo acrescenta: “Agora lembro-me: [tive] um problema com António Guerreiro. Numa cadeira deitei um 16 e ele fez-me uma fita. Quería 19! Era um aluno inteligente, mas complicado. E julgo que não gosta daquilo que escrevo.”

O crítico do semanário “Expresso” António Guerreiro, quando contactado pelo Ípsilon, foi claro: “[Acho] espantoso, quase um prodígio, que Urbano Tavares Rodrigues se recorde, mais de 20 anos depois, da nota que me deu e construa com ela uma delirante ‘cena originária’, como se diz na linguagem psicanalítica. ‘Originária’, mas pouco original, simples versão simétrica da eterna fábula do aluno que diz que teve má nota, porque o professor embirrou com ele. Este ‘petit élève’, na verdade, conhece pouco da obra de Urbano. Sempre que nela quis entrar, sentiu que permanecia à distância e no exterior. Não se trata de rejeição, de ‘não gostar’.



Mário Cláudio

“O aparecimento de Urbano na ficção portuguesa é notório a partir dos finais da década de 50 e significaria a ampliação dos horizontes contemplados por um neo-realismo.”

**“Os meus heróis?  
O meu irmão e Álvaro  
Cunha! Fiquei  
encantado com o  
Gorbatchov! Mas,  
volvidos estes anos,  
em questões de poder,  
a Rússia de Putin  
inspira sérias  
preocupações. Não  
gosto nada dele”**



ALVARO CUNHA

É antes uma inadequação ‘idiomática’ em relação à escrita de Urbano e às suas representações.” E acrescenta: “Se o mundo literário fosse determinado por uma harmonia pré-estabelecida, se fosse o melhor dos mundos possíveis, onde não há ‘cenas originárias’, nem Urbano nem a sua obra reclamariam o que quer que fosse de mim. E eu continuaria a olhá-los, à distância, com respeito e delicadeza.”

### A Internacional e as mulheres!

O romancista, crítico, professor, ensaísta, tradutor, poeta, apresentador de livros muito bons, bons, suficientes, maus, é incapaz de um único reparo. “Todos temos os nossos momentos menos bons. A vida das letras e da criação é como a nossa vida.”

A vida? Temos de regressar a 1932, quando Urbano Augusto Tavares Rodrigues nasce em Lisboa. O alfaiate será marcado, nos verdes anos, pelo Alentejo, Moura, onde faz a primária. Depois ingressa no Liceu Camões, onde encontra Luís Filipe Lindley Cintra e o irmão de Vasco Gonçalves, António. “Eramos barras a Matemática. [Mas] as letras já eram um bichinho que me consumiam. Por volta dos 13, 14 anos, eu e o meu irmão Miguel íamos às gargalhadas o ‘Quixote’, de Cervantes” e as desventuras do Sancho Pança. Antes de chegar à FAC, matricula-se em Direito. Nessa altura, porém, já andava metido na política e não aderiu à praxe dos caloiros.”

Resultado? “Apanhei uma valente tareia e fiquei com a terrível fama de zaragateiro.” A sua revolta era antiga. “Desde cedo senti um ódio ao Salazar.” Andou na Mocidade Portuguesa, “porque era obrigatório”. Porém, em vez de cantar o hino da juventude salazarista, ele e o irmão Miguel já entoavam a Internacional!

Em 1944, começa a cursar Letras e quatro anos volvidos casa com Maria Judite de Carvalho, que viria a falecer em 1998, autora de marcantes livros, como “Tanta Gente, Mariana” (1959). As vivências e as recordações da vida (desvivida?) com Maria Judite perturbam Urbano. O silêncio é de chumbo. Desabafa: “Tenho uma dívida imensa para com ela. Não só porque a maguei no plano erótico - de que me arrependo imenso -, mas, tendo os dois géneros diferentes de estilo e de escrita, ficamos na história da literatura portuguesa. Se calhar ela é melhor do que eu... Mas fui eu que incentivei a Maria Judite a escrever.”

Há 16 anos, Urbano encontrou outra mulher, a psiquiatra Ana San-

tos. Quando se lhe pergunta algo sobre o seu encontro - existem 40 anos a separá-los -, é para Ana difícil falar sobre o seu actual companheiro. “É quase como explicar-me a mim própria; ele faz parte de mim. Sou uma mulher com muita sorte, porque encontrei o Urbano e vivo com ele. Representa tudo o que admiro num homem: a delicadeza, a coragem, o bom gosto, a cultura, o trabalho, a solidariedade, a compaixão. Ainda por cima, foi o homem que me deu o melhor da minha vida, o meu filho.” A ele Urbano dedica o seu mais recente livro, agora com dois anos: “É como canta o Pedro Abrunhosa, gosto dele ‘como uma estrela no dia’. É muito bonito não é?”

Convidado, em 1955, pelo professor que mais o marcou em Letras, Vitorino Nemésio, para seu assistente em Literatura Portuguesa e com uma regência de Literatura Francesa (Camus, Malraux e Sartre tiveram nele “uma grande influência”), o seu contrato é rescindido com uma exploração típica do Estado Novo. O ministro da Educação de então, Leite Pinto, disse-lhe na cara: “Apesar de não fazer política nas aulas, faz cá fora da faculdade e arrasta o seus alunos consigo!”

Para o regime ditatorial, foi pior a emenda que o soneto. Em 1959, participa na Revolta da Sé, e esteve ligado ao assalto ao Quartel de Beja. Em meados dos anos 60, por razões de natureza política, da estreita ditadura de Salazar, deixou de poder dar aulas em Portugal. Nas escolas públicas nem pensar, mas também nas privadas, como o Colégio Moderno ou no Liceu Francés.

Quando se dá a Revolução dos Cravos, volta para a sua faculdade e jubila-se, em 1993, como professor catedrático da FAC da Universidade de Lisboa. A sua vasta obra, entretanto, não deixa de ser estudada e atinge várias dezenas de títulos, entre conto, romance, crónica, ensaio e poesia.

Seria fastidioso falar de todas suas colaborações, porque são extensas - em jornais (“Le Nouvel Observateur”, “JL”), revistas (“Colóquio/Letras”), director da revista “Europa”, redactor principal do “Jornal de Letras e Artes”. Curiosidades também há. Foi actor, construindo o seu perfil num filme de Manoel de Oliveira: “Visita - Ou Memórias e Confissões”, de 1982, que nunca chegou a ser comercializado.

Embora tenha somado prémios ao longo da carreira, sente-se injustiçado por nunca ter conquistado o Grande Prémio de Romance e Novela da então extinta Sociedade Portuguesa de Autores, hoje APE, sobretudo quando →

“Tem muito talento.” A voz é trémula, mas assertiva. Meiga. Carinhosa.

Afável. Apesar de adiantar que a sua vista - já esteve à beira de ficar cego - já não dá para ler tudo o que lhe chega às mãos. E a romancista Maria Velho da Costa, que foi sua aluna? “Muito talentosa! Basta o fulgurante ‘Maina Mendes’, de 1969, ou o mais recente ‘Irene ou o Contrato Social.’ “Foi magnífico que ela tenha tido o Camões, em 2002. Os brasileiros mereciam conhecê-la.”

Mas Urbano Tavares Rodrigues está contente por outra razão: “Era um sonho antigo, o da publicação das minhas Obras Completas.” Começou agora, com os primeiros contos/novelas (“A Porta dos Limites”, “Vida Perigosa” e “A Noite Roxa”), com um prefácio fino de Eugénio Lisboa, que saíram quase em simultâneo a duas novelas: “Ao Contrário das Ondas” (2006), “Os Cadernos Secretos do Prior do Crato” (2007).

Maria Alzira Seixo (presidente da Associação Portuguesa de Literatura Comparada) também foi sua aluna, no seu primeiro ano da Faculdade de Letras de Lisboa (FAC). Lembra-se do professor. “Passava por mim e dizia: ‘Sabe, trago sempre comigo a pasta de dentes e o pijama.’” À época, finais dos anos 50, Alzira achava desconcertante o desabafo. Mas quando, em 1958, apareceu “Uma Pedrada no Charco”, com que Urbano ganhou o seu primeiro prémio, o Ricardo Malheiros da Academia de Ciências,



# Um pouco “dandy”, homem livre e de refinado gosto



**Eduardo Lourenço**

**“Há mais de meio século que nos conhecemos, em Paris. Urbano era, então, leitor na Sorbonne, jornalista, elegante, sedutor emérito, audacioso, não se intimidava com nada, entrevistando com talento um Albert Camus ou um Paul Claudel.**

**Tinha uma maneira muito dele de ‘estar nas últimas’. Doentíssimo, e com o seu futuro à vista, o que lhe aumentava o ‘charme’, sobretudo entre as damas.**

**Desse Paris, então em plena vaga existencialista, aspirou o perfume, as modas, as confusões sentimentais ou éticas que conferem um halo de originalidade aos seus primeiros romances (‘Bastardos ao Sol’, 1959, ‘Os Insubmissos’, 1961, e ‘Dissolução’, 1977).**

**Não tinha então encontrado a sua ‘Estrada de Damasco’, nele de muitas vistas largas. Mais tarde, consagrará a vários autores representativos do primeiro neo-realismo, pequenos ensaios de interpretação e, sobretudo, de fraterna convergência ideológica.**

**Felizmente, a sua cultura académica, o conhecimento das modas críticas dessa época, da linguística ao estruturalismo e à psicanálise, nunca o deixaram reduzir a sua visão a uma concepção estritamente literária ou a um militante da sua criação literária.**

**A sua própria experiência de romancista, o seu conhecimento da literatura universal, chegaram para o não deixar cair nessas tentações.**

**Não menos a sua fidelidade ao nosso presidente-escritor Manuel Teixeira Gomes, de quem o meu amigo Urbano é o mais fiel leitor e apaixonado.”**

**Eduardo Lourenço  
Vence, 16 de Outubro de 2007**

concorreu com “Exílio Perturbado” (1962): “Um dos meus melhores romances, preterido pelo livro de Jorge Reis ‘Matai-vos Uns aos Outros’. Foi uma grande injustiça.” Questionado pelo Ipsilon, o actual presidente da APE, José Manuel Mendes, não pestaneja: “O Grande Prémio de Romance e Novela é atribuído, ano após ano, por decisão exclusiva, livre e responsável, de cada júri. À direcção da APE cabe tão-só escolher com critério, exigência e isenção os cinco membros que assumem o resultado final.” Em todo o caso lembra que a APE “no uso de competência própria, outorgou a Urbano o Prémio Vida Literária, em 2002, uma alta distinção que prestou homenagem à obra multimoda, inconfundível, de um autor que marcou sucessivas gerações de escritores e leitores.”

Uma fonte da D. Quixote tem outra visão. “É preciso não esquecer que ele é comunista.” Urbano também não entende: “Se Diogo Freitas do Amaral me tivesse pedido para apresentar ‘O Magnífico Reitor’ [Gradiva 2001], não diria que não.”

## A unanimidade e os outros

Como romancista, crítico, ensaísta e professor há uma áurea de unanimidade em torno de Urbano. Para João de Melo (Grande Prémio da APE com “Gente Feliz com Lágrimas, 1988, actual adido cultural da Embaixada de Portugal, em Espanha), enquanto seu aluno e monitor, o que o impressionou mais foi “a sua disponibilidade para com os outros. Ele é uno e permanente e ‘unipessoal’ em tudo”.

Nunca tendo sido aluno de Urbano Tavares Rodrigues - já recebeu o Grande Prémio da APE, com “Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde, 1995 -, Mário de Carvalho é, porventura, o escritor mais próximo de Urbano, técnico-literariamente falando, e confessa ser ele seu autor de cabeceira: “Em todos os seus contos, novelas, romances, ressoam as vozes mais populares, sobretudo na novela ‘Jornadas sem Regresso’ [conto incluído no I volume], a angústia existencial do mal viver dos pequeno-burgueses na década de 60, com ‘Uma Pedrada no Charco’ [vol., II], a moscambilha e as negociatas que arruinam o país, em ‘Ao Contrário das Ondas’ [2005].”

“O aparecimento de Urbano na ficção portuguesa”, para o romancista Mário Cláudio, “é notório a partir dos finais da década de 50 e significaria a ampliação dos horizontes contemplados por um neo-realismo.” “Na verdade, não atino com o que, mais do que este ‘sopro vital’, possa valer a um companheiro de letras a dignidade de mestre de escrita, e de civilização.”



Já para Vasco Graça Moura, deputado europeu, poeta, tradutor, ensaísta e romancista, o autor de “Bastardos do Sol” é “um homem inteligente que não fica espartilhado pelas suas próprias opções ideológicas”. Gostaria que ele tivesse pegado na sua tradução dos sonetos de Walter Benjamin. “Ou - digo isto com alguma perversidade amigável da minha parte - no romance ‘O Enigma de Zulmira’ [2002], o qual se inspira-se na situação de uma militante, alta responsável do PCP, que falou na polícia e acabou a casar com um agente da PIDE...”

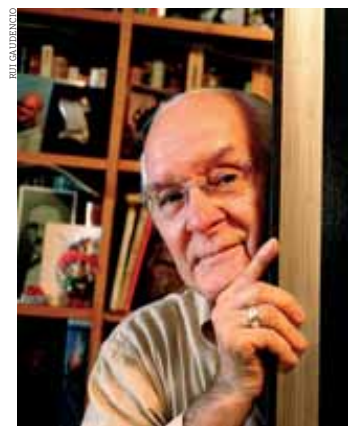
Urbano foi membro de muitos júris da APE e, nessa qualidade, foi determinante no percurso de Lídia Jorge, que concorreu com “O Dia dos Prodigios” em 1979, apresentando-se a concurso ao Prémio Revelação, que não obteve. “No dia da divulgação”, recorda Lídia Jorge, “tomou a iniciativa de telefonar para me falar do livro. O querido Urbano é, acima de tudo, um homem devotado por inteiro à literatura.”

Remando contra a maré deste unanimismo à volta de Urbano está o Prémio Nobel da Literatura da língua portuguesa. José Saramago admite que, face à sua obra, fica “com essa espécie de obsessivo ‘ritornello’” que o faz dar de cada vez “três passos atrás para tentar saltar mais longe no livro seguinte”. E salienta: “O amor e os seus comportamentos sob a capa de desregramentos que não o são e de delírios pré-fabricados têm uma data de caducidade. Urbano é o romancista da fragilidade.”

À luz de boa parte dos seus livros, leitores, críticos e militantes do Partido Comunista Português arrumam-no na mesma gaveta ao lado de um Carlos de Oliveira de “Pequeno Burgueses”, sendo Urbano caracterizado como “um autor neo-realista ortodoxo”. Não é linear esta catalogação: ele próprio confessou ao Ipsilon que livros como “Bastardos do Sol” (1959), “Os Insubmissos” ou “Casa de Correção” (1968) “podem ser lidos dentro do período próximo do neo-realismo”. “Em contrapartida, nunca descorei a análise do(s) ser(es) humano(s) com o fundo social em que as personagens se relacionam entre si, ou seja, o colectivo condiciona o sujeito, que é o espelho do colectivo. São as faces da mesma moeda.”

## Baptista-Bastos

“É um grande jornalista, porque é um grande escritor; e um grande escritor, porque é um grande jornalista”



PHIL CALDWELL

## José Saramago

“O amor e os seus comportamentos sob a capa de desregramentos que não o são e de delírios pré-fabricados têm uma data de caducidade. Urbano é o romancista da fragilidade.”



DANIEL ROCHA

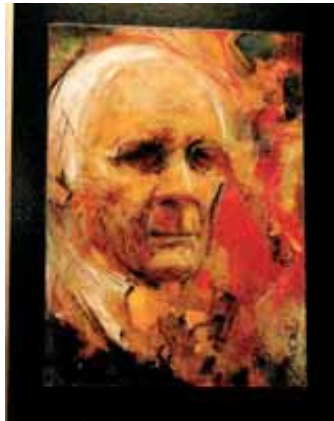
## Maria Alzira Seixo

“O que o distingue da maioria dos professores era a maneira como ele comunicava, o entusiasmo com que alargava novos horizontes que são as grandes qualidades de todos os professores de todos os tempos: é um ícone”





MICHEL MADEIRA



Questionada pelo Ípsilon, a deputada do PSD Zita Seabra é peremptória: “Não podia ter dito isso ao Urbano, até porque nunca controlei o sector intelectual, nem nunca o controlei. Era impensável que um militante de um sector se fosse queixar a outro sector. É um intelectual típico do comunismo que mistura a sua escrita com a ideologia que professa!”

Apesar de o Ípsilon ter contactado o Sector de Imprensa do PCP, não obteve resposta de dois militantes cujos pontos de vista, quer literários quer políticos, Urbano gostava de conhecer - José Casanova e Carlos Carvalhas.

E qual foi o momento mais difícil no interior do PCP? “Quando se começou a saber, por cá, a realidade imposta pelo Estaline.” Estaline não foi de todo em todo o seu ícone. “Os meus heróis? O meu irmão e Álvaro Cunhal! Fiquei encantado com o Gorbachov! Mas, volvidos estes anos, em questões de poder, a Rússia de Putin inspira sérias preocupações. Não gosto nada dele.”

Outra vertente a que não se pode fugir é a da relação de Urbano com o jornalismo. Baptista-Bastos conheceu-o em 1958. O encontro deu-se quando Baptista-Bastos deu à estampa o livro “O Cinema na polémica do Tempo”. “Fui denunciado à PIDE pela revista “Tempo Presente” [conotada com a direita]. O Urbano saltou em minha defesa. Um ano depois, iniciou-me na Revolta da Sé.” Em 1965, encontram-se todos os dias, na pastelaria do senhor João, na Rua Luz Soriano, ao Bairro Alto, em Lisboa, “para combinar revoluções armadas”, diz Baptista-Bastos. E ri-se. Urbano está no “Diário de Lisboa”; Baptista-Bastos do outro lado da rua, no “Diário Popular”. Para Baptista-Bastos, Urbano “é um grande jornalista, porque é um grande escritor; e um grande escritor, porque é um grande jornalista”. “Quando desaparecer é que vamos atribuir-lhe a grande dimensão que tem!”

Ricardo Falcato, um jovem livreiro da Livraria Bulhosa, em Campo de Ourique, estudou Literatura Portuguesa com Urbano. “Ainda hoje guardo o amor pelos livros, a sensibilidade, que me são de grande valia para a minha profissão.”

O pequeno António e a gata Alice brincam, agora, um com o outro: um é a sua estrela que lhe alumia o dia. “Ela, a Alice, é a minha gatinha, cinza azuladada, que me faz companhia e, que, como eu, precisa de carinhos.” Ao principiar da noite, quando o dia já se está a pôr, Urbano continua sentado à sua mesa de trabalho: a escrever os seus cadernos secretos?

Ver crítica de livros págs. 60 e segs.

Considerado por António José Saraiva/Oscar Lopes (na 17ª edição da “História da Literatura Portuguesa” ed., Porto Editora, 2005) “um dos melhores contistas de posição empenhada e reflexivamente protestativa”, um ensaísta de outra geração como é o caso de Carlos Reis, coordenador da “História Crítica da Literatura Portuguesa” (Editorial Verbo, 2005), vê-o, ao lado de Cardoso Pires, com “o Delfim”, e de Augusto Abelaira, com “O Bolor”. Se na década de 60 existe um registo de neo-realismo, para Carlos Reis Urbano “nunca abdicou da progressiva integração, de uma problemática existencialista, bem como de temas e comportamentos pouco acessíveis ao ideário neo-realista (erotismo e amor, don-juanismo, rasgos individualistas, etc..)”

“MAGNÍFICO”  
BAZ BAMIGBOYE - DAILY MAIL  
“UM ÉPICO GLORIOSO”  
SUNDAY MIRROR



CATE BLANCHETT CLIVE OWEN GEOFFREY RUSH

# ELIZABETH

— A IDADE DE OURO —

www.ELIZABETHTHEGOLDENAGE.COM

1 NOVEMBRO NOS CINEMAS